

O milagre

Parte I

Naquela pequena cidade as romarias começaram quando correu o boato do milagre. É sempre **assim**. Começa com um simples boato, mas **logo** o povo – sofredor, coitadinho e pronto a acreditar em algo capaz de minorar sua perene chateação – passa a torcer para que o boato se transforme numa realidade, para poder fazer do milagre a sua esperança.

Dizia-se que ali vivera um **vigário** muito piedoso, **homem** bom, tranquilo, **amigo** da gente simples, que fora em vida um misto de sacerdote, conselheiro, médico, financiador dos necessitados e até advogado dos pobres, nas suas eternas questões com os poderosos. Fora, **enfim**, um **sacerdote** na expressão do termo: fizera de **sua** vida um apostolado.

Parte II

Um dia o vigário morreu. Ficou a saudade morando com a gente do lugar. E era em sinal de reconhecimento que conservavam o quarto onde **ele** vivera, tal e qual o deixara. Era um quartinho modesto, atrás da venda. Um catre (porque em histórias assim, a cama do personagem chama-se catre), uma cadeira, um armário tosco, alguns livros. O quarto do vigário ficou sendo uma espécie de monumento à sua memória, já que a Prefeitura local não tinha verba para erguer **sua** estátua.

Parte III

E foi quando um dia... ou melhor, uma noite, deu-se o milagre. No quarto dos fundos da venda, no quarto que fora do padre, na mesma hora em que o padre costumava acender uma vela para ler seu breviário, apareceu uma vela acesa.

– Milagre!!! – quiseram todos.

E milagre ficou sendo, porque uma senhora que tinha o filho doente, **logo** se ajoelhou do lado de fora do quarto, junto à janela, e pediu pela criança. Ao

chegar em casa, depois do pedido – conta-se – a senhora encontrou o filho brincando, fagueiro.

– Milagre!!! – repetiram todos. **E** o grito de “Milagre!!!” reboou por sobre montes e rios, vales e florestas, indo soar no ouvido de outras gentes, de outros povoados. E logo começaram as romarias.

Vinha gente de longe pedir! Chegava povo de tudo quanto é canto e ficava ali plantado, junto à janela, aguardando a luz da vela. Outros padres, coronéis, até deputados, para oficializar o milagre. E quando eram mais ou menos seis da tarde, hora em que o bondoso sacerdote costumava acender sua vela... a vela se acendia e começavam as orações. Ricos e pobres, doentes e saudáveis, homens e mulheres caíam de joelhos, pedindo.

Parte IV

Com o passar do tempo a coisa arrefeceu. Muitos foram os casos de doenças curadas, de heranças conseguidas, de triunfos os mais diversos. **Mas**, como tudo passa, depois de alguns anos passaram também as romarias. Foi diminuindo a fama do milagre e ficou, apenas, mais folclore na lembrança do povo.

O lugarejo não mudou nada. Continua igualzinho como era, e ainda existe, atrás da venda, o quarto que fora do padre. Passamos outro dia por lá. Entramos e pedimos ao português, seu dono, que vive há muitos anos atrás do balcão, a roubar no peso, que nos servisse uma cerveja. O português, **então**, berrou para um pretinho, que arrumava latas de goiabada numa prateleira:

– Ó Milagre, sirva uma cerveja ao freguês!

Achamos o nome engraçado. Qual o padrinho que pusera o nome de Milagre naquele afilhado? E o português explicou que não, que o nome do pretinha era Sebastião. Milagre era apelido.

– E por quê? – perguntamos.

– Porque era ele quem acendia a vela, no quarto do padre.

STANISLAW PONTE PRETA. *O melhor de Stanislaw Ponte Preta*. 3ª. Edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.

Folha de respostas do professor

Faça as seguintes atividades baseadas no conto acima:

- 1) Separe o texto em partes, de acordo com sua progressão temporal.
Respostas assinaladas no texto.
- 2) Encontre, no conto, pelo menos três exemplos de coesão referencial e três exemplos de coesão sequencial.
Alguns exemplos de coesão referencial encontram-se destacados em azul (pronomes, sinônimos, omissões etc). Alguns exemplos de coesão sequencial encontram-se destacados em amarelo (conectores). O professor e os alunos podem destacar outros exemplos. Aqui, o importante é que o aluno destaque a coesão referencial atentando para o nome de substituição a que se faz referência; já na coesão sequencial, atentar para a relação entre ideias que se estabelece no texto devido ao uso de conector.
- 3) Explique como, assim como na tirinha vista anteriormente, o conto *O milagre* trata da história de um mal entendido.
O substantivo comum milagre, e seu significado, é confundido com o substantivo próprio Milagre, nome de um personagem. Os diferentes significados geram uma verdadeira confusão.
- 4) Explique como esta palavra leva a uma quebra de expectativa no final do conto.
O leitor, assim como o povo do vilarejo, é levado a pensar que os acontecimentos do texto se tratam de um milagre quando, na verdade, somente no final do texto descobrimos que as velas foram acesas por alguém chamado Milagre.
- 5) Como o humor se constrói no conto *O milagre*?
O conto pertence ao gênero contos de humor. A quebra de expectativa ao final, típica da piada, traz humor ao conto pois leva ao inesperado do cotidiano, de algo banal, em contraste com a expectativa divina em que o povo quis acreditar.